

SELO

PAGINA DOS NOVISSIMOS — N.º 1

Organizadores: Rolando Vera-Cruz Martins, Jorge Miranda Alfama e Oivaldo Osório

REFLEXÕES — FOME

Que móveis lograram o aparecimento duma literatura regional caboverdeana? Não se formula a pergunta sem deixar de nos vir à mente a resposta implícita em asserção (aliás marco de partida do grupo claridoso) do doutor Baltasar Lopes da Silva e numa transição que fazemos do comentário do dr. António Aurélio à Antologia da Ficção Caboverdeana Contemporânea: Não refutando em absoluto a influência ficcionista nordestina na nossa literatura regional "outras determinantes mais poderosas e de raízes mais fundas" teriam intervido; "a convicção de uma originalidade regional caboverdeana, a necessidade de protestar e dar alarme perante uma crise económica causada pela estagnação, pelo abandono do porto de S. Vicente, pela sufocação proveniente do encerramento da emigração para a América do Norte". Portanto, consciencialização de fenómenos sociais reflectidos numa elite protagonista (os claridosos) visando problemas do homem "aqui", tendo como órgão reflector daquela consciencialização a revista "Claridade", de cujo exemplo partiriam movimentos similares.

Adstritos ao facto social e havendo um carácter repetitivo pela gerência dum complexo histórico-social actuando na psicologia dum grupo e, mau grado o carácter cíclico de que se revestem impeça de se deixar notar concomitantemente com uma forma nova, um conteúdo quase paradoxalmente renovado para o observador pouco arguto (por um complexo relacional ou enriquecimento gradual da estrutura social), nada indica especificamente que, quaisquer movimentos subsequentes exhibissem sigla claridosa, embora o liame social, os factos sejam os mesmos. Porém, filtrados por mentalidades em épocas diferentes.

É facto que, em nenhum dos dois movimentos literários posteriores à Claridade — Certeza, Suplemento Cultural, há divórcio ideológico nem franca oposição à geração anterior: as estruturas, sociais das ilhas continuam sendo praticamente as mesmas; e a "Selo," página dos novíssimos, hoje inserida no "Notícias de Cabo Verde" continuará a aflorar problemas e vivências do espírito "aqui" e no tempo a que este se concerne — quase condicionada, na sua expressão, pelos problemas cíclicos do homem caboverdeano.

De modo que não vemos claramente uma transição global de ideias até aqui.

OSVALDO OSÓRIO

A D V E N T O

O som cristalino da trombeta messianica
sulcou arcos de trevas, galgou montanhas sufocadas
desceu vales de pó, sibilou por fendas noturnas
retumbou em corredores marmóreos
espraiou-se no embate das ondas

(Na praia penumbrenta de areia dolorosa, descerte em halos de luz
de nebulosa infinita, as mãos cheias de dádivas
o olhar a magnetizar passos de tombos à conquista da Aventura profetizada.

Sua face espelhará a suavidade de horizontes astrais
seu corpo será feito de retalhos de alegria, para todos trará um quinhão
com todos percorrerá caminhos que os homens vetaram)

Paixões se amontoaram na praia longa. Na areia chiaram punhais e abraços.
A Esperança desforrou-se do Tempo. Todos aguardaram a Hora Grande.

Lá nas perdas cogitações na gruta secular da montanha
o asceta sorriu duma alegria que criara estrelas.
Suas sandálias mergulharam no pó das caravanas impacientes,
Seu bordão floriu na areia escolhida e também olhou com a multidão.

(Na hora crepuscular uma estrela cortaria o alubrimento dos ceus
hossanas e maldições, blasfêmias e orações negaram o silêncio
Coros incorpóreos seriam o eco do anúncio da Hura)

Todas as cabeças se alçaram crenes aos ceus.
Punhais e ramos de coqueiro, dádivas de cada um, esconderam os ratos últimos.
Mãos tremeram na Mea Culpa. A Esperança deu o braço ao Desespero.

Mas só o sulco do asceta correu paralelo à estrela que só ele admirou.

Suas mãos intemporais abençoaram de leve a carapinha aureolada.
Lágrimas criaram regos na textura da carne.
Seus olhos teceram mantos sobre a criança infável.

Uma prece decorada em dias de séculos fez solo no coro celeste.

Para além do asceta a bruma cristalizava sombras melancólicas.

ROLANDO VERA - CRUZ MARTINS

Gargalhadas de escarneo
Rasgando
Até as commissuras dos lábios
Máscaras irónicas
Mascarando dores
Sorrisos de hipocrisia
Desfazendo em blocos
Caras mulatas
Escondendo a fome
Torvos olhares de
Piedade
Encobindo a traça
Encobindo também
A indiferença
De almas emagadas
Na proclamação faminta
Pelas ilhas
Em solidão ...

E a fome a desfazer-se
Em sorrisos de hipocrisia ...
E a fome a desfazer-se
Em irónicas gargalhadas ...

Crianças magras
Sobrecarregadas
Cum o peso inútil
De enormes barrigas
luchadas
Explorando
Anormalidades da natureza
Num estuque vão
De apaziguar
O animal horrendo
Crescendo-lhes
Por dentro
A voltear
A revoltar
A espernear
Boca escancarada
Língua pendente ...
Crianças doentes
Abandonando
Imundas palhotas
Abandonando lágrimas
Gritos
Pedidos roucos
Para roubar
Pelas sombras da noite
Restos desprezados
De tocas refeições ...

E a fome a estrangular ...
E a fome a espernear ...
Boca escancarada
Língua pendente ...

Mulheres batidas
E rebatidas
Passetam
Seus corpos usados
Pela calçada suja
Das ruas
Ruas servindo de leito
À noite
Quando as sombras
já desceram sobre o mundo...
Mulheres condenadas
Esfomeadas
Porjando
Perdidas sensualidades
Entre o cimento frio
E os corpos esqueléticos
De vagabundos sífilíticos ...

E a moeda
A tilintar ...
E a fome a escoucear ...

Bébados
Desvalrados
Pela febre
Da mala um copo

FERNANDA NO BAILE E EU

Olhos aquosos perdidos
Num mar de "grogue"
Narinas farejando
Realidades
Dos sonhos
Das noites de orgia
Violão espancado
Rouco
A tiracolo
Seguem
Qual bandleiros
Ao assalto dos botequins...

E a fome a gotear...
E a fome a escorrer...
Pelas gargalhas quebradas
De garralas fedorentas

Mário Funesca

CARTA

Para Oswald Odrício

Emigrante
se te perguntarem por que partiste
não negues o destino da tua terra.

Enquanto abraçares a loira estorvante
confecciona-lhe baixinho:

As noivas irmãs são mais belas
porque cada traço dos seus
corpos

foi arrancado à praia
das ondas que levaram os seus
amores

Emigrante
se te perguntarem por que partiste
não negues o destino da tua terra.

Toma o teu violão
e canta a doce melodia de amor ou
apreendida em noites de luar
e nas roças distantes...

Emigrante
se te perguntarem por que partiste
não negues o destino da tua terra.

Grita bem alto
(para que todo o mundo te ouça)
que soterrados entre promessas e
ilusões
os teus irmãos continuam a sofrer
o drama das esperanças
o drama da ânsia de viver
consumindo as suas entranhas.

Emigrante
Meu amigo distante!
Meu irmão ausente!
pelo menos tu que conseguiste
quebrar
as grades invisíveis da nossa prisão
não te deixes amedrontar pela
realidade
do esboço de vida nas ilhas.

Emigrante
se te perguntarem por que partiste
não negues o destino da tua terra.

Jorge Miranda Alfama

RENOVAÇÃO DUMA
PROMESSA DE ROSAS

Para Dinah

Dava-te rosas
se Janeiro concebesse milagres.
Porém, verso-semente
têm o espinho de
não zerem já rosas...
... Eu me semeiei na argila
com sangue e tempo para florir.

Então terás rosas
muitas rosas
rosas contra-calendário
para a concha do teu regaço.
E tu verás a amada
Sim, verás! rosas em Janeiro!

O riso de Fernanda ecoa sarcástico na música e extingue-se no fundo do copo. Fernanda dança, dança sempre. Meu requelem. Fernanda é a garrala e o seu par não sou eu. Nem o copo. A janela deixa passar a meia-noite. E ela dança e as contorções do seu olhar confundem a música, a meia-noite no meu peito e o retinir do copo. A garrala talvez não tenha fundo e mergulharet no infinito. Mas Fernanda não compreende. E dança. Estou exausto, mas não Fernanda. Nem o copo. A garrala mergulha e forma ondas no copo. Ah! Se Fernanda se afogasse. Se se estufasse na dança eu não esperaria de esfalhar pelas frinças das persianas. Persianas ou grades. Não, Persiana e garrala. Sem Fernanda. Com Fernanda ao longe e música apertada nos seus braços de espuma. Espuma fervente de náuseas a transbordar no copo. Fernanda dança sem parar, ora verticalmente, ora horizontalmente. Inferno, nem sei bem. O copo está longe da garrala. Fernanda parece tudo. Música garrala, copo... Não. Nem copo, nem eu. Fernanda dança na Lua e a Lua dança na garrala sem lhe tocar. Só eu não tenho par. O copo não sabe dançar. Aliás o copo é Oldgard. Fernanda não compreende e dança com o copo, a garrala, a Lua, Oldgard. Menos comigo. A morna não aquece minha garrala. Mas aquece Fernanda. Ela entra mesmo com a janela fechada. Se aconchegasse o copo e esquecesse Fernanda, garrala, Oldgard e dançasse no infinito. Solitário. O infinito está no fundo da garrala. E Fernanda não para. Vou agarrá-la. Está quase. Por pouco. Impossível. Fernanda não está no chão a eu esrou. Suas saias brancas roçam-me pela cara em alagos de gato. Gata. Descobri! É uma gata e seus olhos luzilam na madrugada. Vou agarrá-la, tiro-lhe as garas macias, como se esfalhasse malmequeres. Quem pôs o cinzel no caminho para Fernanda? Fernanda é uma gata e a cinza apagou seus olhos na madrugada. Madrugada ou noite? Sem Fernanda. Que chora convulsivamente. Sangue: É sangue no cinzel, na minha mão a sair em vagalhões do copo. Meu Deus. O copo assassinou Fernanda. Fernanda, meu amor. Mas porque não param essa música nauseabunda? Não vêm que ela morreu? Ontem ou amanhã. Hoje não, não quero que seja hoje. Vou vingá-la. Vou matar Oldgard. Mas... é Fernanda. Não morreu, não compreende e dança com Oldgard. Matá-los a todos. Vingança. Contra a garrala, Fernanda, Oldgard, o copo e eu. Todos dentro da garrala. Só eu não tenho par. E não sabem que estou tão perto a arquitectar tortura. E estão enlaçados no fundo da garrala. Eiei! Agui estão todos os pares. Tão unidinhos. Na garrala. A garrala na minha mão. O meu par é a garrala. Vou emgarralá-los a todos. Duma vez. A garrala, Oldgard, Fernanda, Fernanda... e Eu.

... O Sol arrancava chispas dos cacos da garrala.
Meu crânio estalava na canícula.

ROLANDO MARTINS

NO FIM DA JORNADA

Sim, camarada da minha rua
fremos de mãos dadas
a de passos confiantes
para o ponto do Universo
onde mal chegam os teus sonhos.

Pelo caminho
o Sol brilhará com mais intensidade
cantará com crianças rejuvenescidas
que já não temem o lobisomen
que vinha à meia-noite chupar-lhes
o sangue
e iluminar-te-ás de azul
porque a vida te parecerá mais bela.

No fim da jornada
quando já acreditarmos em Deus
por vermos realizados as suas vontades
serão passados três mil...
... talvez quatro mil anos
e estaremos de novo no ponto da
partida
das nossas dez ilhas.

Jorge Miranda Alfama

QUILHAS E DORSOS

Timoneiro
timoneiro
cada escaler
impulso dorso...

Timoneiro
timoneiro
arfam dorsos quilhas
| azul-espuma...

Vela nua
dorsos nus!

Timoneiro
timoneiro
meta mar
meta mar...

Vela nua
dorsos nus!

HOLANDA

Holanda!
Chegamos companheiros!
Chegamos com barcos guildas nos olhos e desejos de vencer

Chegamos intermináveis e actuals
às docas
betão aço carguetros e braços prestados
Chegamos numa dimensão nova
e poremos todo o nosso esforço!

Foguetros
marinheiros
lubrificaremos máquinas
alimentaremos caldeiras
betumaremos convees
poremos sóis nos amarelos.

No bas-fond dos portos do mundo.
Iotas desconexas no espasmo novo.
Ritmica descompostura...!
Sensual olhar tropical
verde olhar felino
o espasmo quente esbate!

Nas docas, companheiros!
Barcos guildas nos olhos e desejo de vencer!
Chegamos intermináveis e actuals
às docas
betão aço carguetros e braços prestados
e poremos todo o nosso esforço!

Pusemos esperança na nórdica revelada
a cada barco chegado...
... Os que partiram
na leva do Eeso Nederland!...

Os que ficaram
acenando
cada barco rumo ao mar
(jovens aventureiros da promessa do mar)
a Esperança levou-os
foguetros
marinheiros...

Oswald Odrício

SELO

PÁGINA DOS NOVISSIMOS — N.º 2

Organizadores: Rolando Vera-Cruz Martins, Jorge Miranda Alfama e Orlando Osório

O DESTINO DE EGÍDIO

A cabeça escaldava-lhe. Sentiu-se flutuando num mundo estranho. Deixou-se escorregar até cair no banco próximo. E apeteceu-lhe abandonar-se ali, indefinidamente. Não inexistir! Não falar à espera não sabia de quê! Por que esperara a vida inteira?

- Seu nome? Sobressaltou-se com a voz da dactilógrafa.

- Egídio L. Mas que importância podia ter o nome? Este ou outro qualquer, em nada o distinguíam. Ou estaria o nome ligado ao seu destino? Este destino em que até há pouco acreditara. Aquela algo indefinido que esperava desde que nascera?

- Filiação?

- Fulana! Não, não ponha só o nome materno. Que interessava tudo aquilo? O Pai fora um qualquer que vivera e morrera esperando sempre, como ele Egídio...

- Idade? Quantos? E que significava o número que dera à empregada? Tudo! Nada! É o tempo que passa por nós ou nós que passamos pelo tempo? Como contá-lo? Pelas ilusões que vão dando para uma por uma? Qual o ponto de referência? A infância miserável? Emigrante? O tempo que andara na tropa? Os filhos por quem nada podia fazer além do que a mãe fizera por ele? Abandonar a mãe e a esperança para agarrar depois uma vaga promessa, sem indefinidamente? Sentiu-se alguma vez realizado através dos filhos? Não! Para trás só via o vácuo!

- Estado?

- Solteiro! E Maria? Não dera significado algum à sua vida?

Para quê pensar! O seu nome não figuraria ali no papel. Mas como identificar Egídio sem Maria? Papel mágico...

- Vencimento?

- Pouco? Muito? Avaliá-lo em relação a quê e a quem? De certo pelo que poderia proporcionar a si, Maria e filhos. O vencimento era a fronteira que o afastava dos seus sonhos.

Neste momento sente-se sem forma e sem limites. Flutua e tudo se baralha. Já não se identifica...

- Filhos? A voz impessoal arrastou-o de novo à realidade. Retomou as suas dimensões.

- Cinco.

- Não se sente bem? A voz ganhara um pouco de calor. Examinou a empregada. Sentiu-se a afundar desejando ardentemente agarrar-se àquilo olhar para não mais abandoná-lo. Chegara ao porta. Falar, desabafar... Mas o quê a para quê? Ela, decerto, também, sentia-se limitada num mundo pequenino, pequenino. Lutar? Luta não lhe dera nada, tendo amargura. Continuou a boiar. Era mais repoussante. Passara a idade das lutas...

Como que através de uma névoa percebeu que o matraquear da máquina cessara. Tomou a gule de consulta que a empregada lhe estendia e foi tomar o seu lugar na longa biche do guichê da secretária do Hospital do Estado...

Maria Margarida Mascarenhas

O REGRESSO

Caminho áspero em que a sombra de Maninha se alonga e oscila.

Vento duro vence o moido casaco e esmaga-lhe a carne aberta. A ideia fixa-se e impede. Sem obstáculos no deserto caminho que conduz ao berço salvador. O piso sobe muito alto e Maninha vacila no abismo.

Lá bem no fundo alveja a canção de ninar. Levada a longo tempo na manhã desaturada. Agora renascerá mais forte, condição essencial para o ressurgimento de Maninha. As mãos tactelam o ar opaco e enchem-nos de carícias ocultas. O calor sobe capilarmente no álcool ingerido e aquece a noite. Alaga em ondas de ternura que transbordam do peito saturado e não encontram lugar na escuridão, que recusa e se fecha.

A concha do seu regaço revelar-se-á em flor. Para sempre. Sem tentáculos brutais a deslibrarem do peito o grito inumano.

Quinze anos estático. Que não ocultam o dia que se alongou infinitamente no apito fantástico do barco. Repete-se mas diferente. A decisão inabalada do Sr. Nascimento não apunhalará mais o seu amor materno.

Quinze anos estático. Nascidos na quietura rítmica dos corpos de Maninha e do Sr. Nascimento. Em que o gesto habitual não encontra os cabelos revoltos do Joãozinho. Correu paralelo, momentaneamente paralelo. Mas os olhos ambiguos do Sr. Nascimento não negarão mais a ternura de Maninha.

As pedras vergam-se seus pés nus mas Joãozinho descobrirá torrentes de carinho no corpo apagado. E seu coração aguarda incólume o toque preconcebido para refflorir.

Perpendicular o calor do concreto rasga a opacidade marítima. Mas mantém-se o calor de Maninha. Seu mundo maternal ornamenta-se no calor impassível. A multidão pia, bate e blasfema impiedosa. Rostes cingem-na num amplexo viscoso. Mas os seus olhos palram alto e purificados negam os vislumbres criminosos. Febre rebuscam, indolentes ao picar das luzes acesas. Cada momento atrai uma laguiha à chama de Maninha. Alimenta-se para a união. Em quinze anos o dia. Que olvidará sem vestígios o outro.

Previamente esbarra seus olhos em outros reveladoramente azuis. Maninha argue-se, distende e abre-se em antevistos. Exulte. Seu berço armar-se-á florido e sua canção de ninar terá o momento próprio. Maninha materniza-se. O chão é ligeiro sob seus pés que trilham sulcos ansiosos. Seus dedos fluem em ondas de carinho quando encontram Joãozinho. O Adeus não retornará.

Mas as palavras são brutais e os gestos inesperados abatem Maninha. Sob seu corpo prostrado o cimento gela. Seus olhos iluminam-se de incompreensão. Maninha desarriva-se no calor burocrático.

Seu moido casaco é vela da tempestade que a empurra sem piedade. O berço de Maninha estala no peito oficial.

Uma canção de ninar esmaga-se no sorriso escarninho do jovem de cabelos revoltos.

Rolando Vera-Cruz Martins

CANTO FINAL

* ... Esse esgalgado marítimo calcinado corpo e âncora na quilha do falucho de olhá-lo se morre

(Esfinge da actualidade absurda presentida na arqueologia até vir...)

Esses rebotalhos
esses espíritos verdes
esses barcos virados
essas redes rotas
esses cadáveres na praia
são testemunhos evidentes
de tribo essencialmente marítima...

Essas estrelas cúbicas de estrôncio
esses polvos abraçando no filinilo
esses echos podres ogivas brancas no areal
esse sêmen infecundo
em sexos lantejoulas
de adolescentes flores lagartos
na galeria de concreto
(desespero de eternidade) ...
de olhá-los se morre...

Orlando Osório

POEMA

Mar! Mar!
Mar! Mar!

Quem sentiu mar?

Não o mar azul
de caravelas ao largo
e marinheiros valentes

Não o mar de todos os ruídos
de ondas
que estalam na praia

Não o mar salgado
dos pássaros marinhos
de conchas
areia
e algas do mar

Mar!

Raiva - angústia
de revolta contida

Mar!

Silêncio - espuma
de lábios sangrados
e dentes partidos

Mar!
do não-repartido
e do sonho afrontado

Mar!

Quem sentiu mar?

Arménia Vieira

O Louco

Feliz do louco
que traz gravado em cada face
o risco disforme da chibata.

E não queres conceber
que aquele vestido foi teu!
Agora esfarrapado
quem o há-de querer?

Como rodopiavas...
Como lutavam pelo teu sorriso...

De repente só restou
o fantasma dos teus anseios,
que se desfizeram lentamente,
enquanto mãos impuras
se apoderavam do teu corpo lânguido.

O louco é muito mais feliz
... E traz gravado em cada face
o risco disforme da chibata.

Jorge Miranda Alfama

OS ESTRANGEIROS

Lá vão eles! Vê-de-os! Vê-de-nos!
Como caminham solitários
Como caminhamos solitários e per-
didos

Estrangeiros na noite
E na vida
Eles lá vão
Cá vamos nós
Por torpes caminhos
Por vias sinuosas
Por estradas de fel
Por veredas cruentes
Rumo à noite mais profunda do
nada

Cá vai um
Sub-repitiamente
Pela noite sua de encontros e
encantos viscerais

Ali outro que persegue
A verdade idealizada
Do seu mundo subjectivo

Aqui outro que pára
Olha em volta
Bata terrosamente à porta de um
lupanar
E entra

Acelá um cujo sonho menor
É tão impossível
Como cavalgar o mar
Com as conchas das mãos

Além um outro
Empenhado
Em escoriar-se
Com as luzes do firmamento

Para além da curva
Da esquina da Vida
Mais outro
Que ainda acredita
Poder dormir
E despertar na linha do horizonte

Já perto do termo
Do caminho íngreme da Vida
Outro
Ziguezagueante e em direcção à
sargeta

Olha a lua
Frugueja e cal prostrado em
adoração

A algum espectro interior

Lá vão eles! Vê-de-os! Vê-de-nos!
Como caminham solitários
Como caminhamos solitários e per-
didos

Aves de arribação
Centelhas isoladas
Perdidas na noite e na Vida
Seguindo...
Rumo ao nada

Cá vou eu
Estrangeiro também
Escorado na certeza cáotica do
nada

Na noite sem preces
sem hinos
Eles lá vão cambaleantes
E eu vou com eles
Pelos caminhos
Do desespero e da angústia
Rumo à noite mais profunda do
nada

Estrangeiros na noite e na vida
Eles lá vão silenciosos
Cá vamos nós silenciosos
Indiferentes e desoprimidos
Rumo à noite mais profunda do
nada

Lá vão eles!
Cá vamos nós!
Estrangeiros na noite e na Vida.

MÁRIO FONSECA

O S E G R E D O

A mulher de Mário Tó-Bida morreu. Há quem assevere que deu à luz um monstrozinho e o desgosto matou-a. Não sei se esta afirmação é lícita, mas...

No quarto de terra batida, dois caixões sobrepostos chamavam a atenção do povinho que aglomerara curioso. Um homem cismava e emborcado sobre si mesmo - "Mariana moré... Mariana moré... Depois do enterro, as comadres chegavam para chorar Mariana e consolar Mário. As condolências maçaram Mário e padre não encomendara as corpos por não serem baptizados e, a conversa andou à volta deste lacta.

Foram os condolentes saindo e Mário ficou só, envolvido pelo escuro que enchia o quarto. Caminhou para o quintal e por momentos olhou para as bandas da Montanha, bem visível dali. A lua recortava no negro do céu a silhueta angular do topo da Montanha. Mário acocorou-se perto do vulto esparramado no chão e rapidamente a Preta se levantou. Apalpou-lhe os úberes e sentiu-os cheios. Desprendeu-a e levou-a, contornando o lado sul da vila. Os agaves abriam-se como guarda-chuvas em riste sobre o tardio caminhante. Preta seguia-o, mansamente, um pouco atrás.

No topo, Mário bebeu uns goles rijos de aguardente que anularam a sensação de frialdade que a altitude comunicava ao corpo. Enfiou-se por um desvão na rocha que se não notava muito pela aparente ausência de pedregulhos, afinal encobertos por uma espessa camada calcificada de guano. Rompeu a cortina branca, quebradiça, e percurtou: como nada apurasse acendeu a vela de purgueira cuja fraca luminosidade resgastou de dentro dum grande balão uma criança que dormia envolta em peles. Mário olhava parado. Parado; sim; mas chorava.

Amarrou a cabrinha e escondeu os dedos, fortemente, até o mamilo: um grosso fio de leite perdeu-se... breve a espuma eresia barbulhante na concha. Um vagido de criança rasgou o silêncio no nicho de pedra.

A luz da vela as sombras eram horríveis no ecran da parede.

O regresso foi penoso.

Dekado na sua esteira, Mário sentia o seu corpo a scabar-se dia a dia. Só naquelas alturas podia respirar com uma certa facilidade. Todos os dias aquela caminhada para o topo! Desidiu estar os taracos e partir numa tardinha, contornando o lado sul da vila. Nunca mais Mário voltou.

O desaparecimento misterioso de Mário que é homem de sua pinga e adoentado, faz pensar que talvez tenha caído nalgum barranco ou, vitimado por uma hemoptise e, insocorrido, morrera por caminhos desertos.

Agora há dias, contaram-me que um pastor encontrou no topo da Montanha três esqueletos e quatro caveiras...

OSWALDO OSÓRIO

VIAGEM NA
NOITE LONGA

Na noite longa
minha alma
chora sua fome de séculos

Meus olhos crescem
e choram famintos de eternidade
até serem duas estrelas
brilhantes
no céu imenso.

E o infinito se detém em mim.

Na noite longa
uma remotíssima nostalgia
afunda minha alma
E eu choro marítimas lágrimas
Enquanto meu desejo heróico
de engulir os céus
se alarga
e é já céu.

Tenho então
a sensação esparsamente longa
de vogar no absoluto.

MÁRIO FONSECA

P O E M E T O

A vida
É um grande balão vazio esperando
Um piloto abandonado que não resoa...

A vida...
Estremecções do prisioneiro
Tentando libertar-se
Da condenação infamante
Da ferros milenários
É uma ansia de sobrepujança
Da condição humana
Acorrentando o homem
Na noite da servidão...

A vida...
Oh outra vida que nunca mais brota
E que talvez não passa de uma ilusão estafada!
Estou enjoadado.
Vou andar...

Mário Fonseca

Buzinaram-me o
corpo todo

Levo o navio repleto	
Meninas perdidas	(luzes
mulheres de cab	cores
caixeiros	tambores
crianças	apitos
buzinaram-me	entretejavam)
o corpo todo:	e na terra vermelha
(oh, esse colá...)	com bande de piloto
	meninas perdidas
Me ornaram	grogue
com colares	tambores
de mancarra	apitos
e de milho	valzei navios
	suarento e
	sujo de vermelho
	até à boca do meu apito!
Embadeiratem	
a mezena	

Oswaldo Osório